

Prosa *Poeteiro* Verso  
Iba Mendes

# História



Emygdio Garcia  
*Marquês de Pombal*



**Iba Mendes**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# Emygdio Garcia

## *Marquês de Pombal*

Estudos críticos-históricos

Adaptação ortográfica e revisão gráfica  
Iba Mendes

---

Publicado originalmente em 1869.

**Manuel Emygdio Garcia**  
**(1838 – 1904)**

“Projeto Livro Livre”

**Livro 575**

---



Poeteiro Editor Digital  
São Paulo - 2015  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# PROJETO LIVRO LIVRE

*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras em domínio público, como esta, do escritor português Manuel Emygdio Garcia: “*Marquês de Pombal*”.

É isso!

*Iba Mendes*  
[iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com)  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# ESTUDOS CRÍTICOS-HISTÓRICOS



*Lance d'olhos sobre a sua ciência;  
política e sistema de administração;  
ideias liberais que o dominavam;  
plano e primeiras tentativas democráticas*

Deparam-se mui várias, e até contraditórias, apreciações e juízos sobre o caráter e obras do célebre Marquez de Pombal.

Livros de recentíssima data, fábricas de muito peso literário e primores de arte, ricos de substância, e não menos opulentos de formas, reproduzindo-as, parece quererem de novo levantar pleito, propor ação e renovar processo, que não logrou ainda passar em julgado.

Mas não se diga que por parte do autor deste apoucado escrito há tanta vaidade e tamanho arrojo, que ouse inculcar-se para juiz oficioso em tão graves contendias; consintam-lhe todavia, e para isso pede antecipada vênia, que deponha em processo, no qual a posteridade, e talvez ainda o nosso público ilustrado, há de proferir, algum dia, e lavrar sentença definitiva.

Não é para alardear tesouros de ciência e pompas de erudição; que tão arredadas nos andam uma e outra, que mal de longe as enxergamos em poder de alguns privilegiados, que, merecendo muito a Deus, não pouco devem à fama que os apregoa; o que só nos achega, porque a todos chega, é o amor da verdade e o zelo da justiça.

E foi a verdade que nos citou, para comparecermos no tribunal da imprensa: se fingindo ser tal nos iludiu o erro, valha-nos de desculpa, para bem merecer perdão, a boa fé com que, sem a menor sombra de rebeldia, nos damos à obediência.

As páginas, que ao diante vão, fazem parte de um livro, que o autor compôs e escreveu em 1866, quando a aparição do projeto do *código civil* no seio da representação nacional levantou, servindo-lhe de pretexto, porfiada luta entre o partido liberal e o *bando* reacionário, que a provocou.

Em minguado tempo, e ainda assim cortado por outros maiores e mais austeros trabalhos e cuidados, se concluiu o *manuscrito*; e logo foi metido em cárcere privado à espera da última demão, para não haver de sair em liberdade, sem se lhe alimparem erros e expurgarem pecados, que não há aí obra de homens, por mais acabada de bigorna e lima, que os não tenha ou deles possa eximir-se.

E com efeito, imperiosas circunstâncias e motivos ponderosos estorvaram o autor, e bem contra sua vontade, de sair a pleitear na contenda em prol da liberdade e dos liberais, contra quem se erguia e praguejava mais uma vez, em descomposto e mal soante vozear, a turba dos retrógrados. Não nos amedrontaram clamorosas gritas de injusta, se não ainda mais fingida e calculada indignação, ódios ameaçadores de raiva acesos, que não há receios, nem escrúpulos, onde entranhadas convicções se alentam; nem fomos levados do temor de afrontar-lhe as iras vans, que não falecem ânimos e coragem, quando a consciência é pura e as intenções desinteressadas; nem pode a ignorância de uns, o fanatismo de outros e a hipocrisia de muitos vencer ou sequer dobrar espíritos retos.

Desse livro ainda se evadiram como rebeldes e saíram a lume alguns capítulos, abrigando-se, mais como fugitivos do que hóspedes, em dois periódicos literários — *O Povo* e *A Academia*.— Mas como é sorte, e não sei se melhor diga, fatal destino de todas as publicações deste gênero, tão frequentes na nossa Lusa Atenas, que bem se parecem com as flores do outono, que abrem com a aurora, fecham e morrem ao cair das sombras em um mesmo dia,— tão curta foi a duração dos dois periodicozinhos, que nos ficamos a começo da longa derrota que poderíamos percorrer.

Nesse pouco, que do incógnito e encarcerado manuscrito passou à liberdade e a correr mundo, vem o que reproduzimos agora: bem pode ser que algum dia nos dê na vontade e resolvamos fazer correr o livro inteiro, em demanda de bom e generoso gasalhado; e de experimentá-lo comece já, para que, posto não merecer subida estimação obra de tão mediano vulto, não tenha o autor de arrepende-se desta sua primeira tentativa.

# O MARQUEZ DE POMBAL

## I

Não foram só os germens da civilização, despontando ao sol da renascença, a luz irradiada pela filosofia do século XVIII, o brado universal de 89, as armas de Napoleão I, o drama sanguinário de 1817,— que prepararam a revolução de 1820.

De longe, de mui longe nos veio e se gravou em Portugal o espírito de liberdade e independência: Manifestou-se bem solenemente na iniciativa popular em 1385; mais solenemente ainda em 1640; arraigou-se de um modo profundo e indestrutível durante a sabia administração de um gênio reformador, que lhe preparou o campo de suas *legítimas* conquistas e removeu os estorvos, que lhe empeciam o caminho, por onde, mais tarde, devia deixar seu rastro luminoso.

Foi essa época o prólogo fecundo das revoluções! Esse homem o precursor admirável do liberalismo!

Foi a luta gigante dos oprimidos contra os déspotas; a *reação social* contra a *reação ultramontana*; luta na qual a liberdade pareceu sucumbir e deixar-se esmagar debaixo dos pés da aristocracia orgulhosa e da clerezia degenerada e pervertida,— para mais tarde ressurgir e erguer-se do mal encerrado túmulo vigorosa e ousada — para cantar no dia do merecido triunfo o hino da legítima vitória!

## II

Em Portugal, como em Inglaterra, como em França, a revolução reformadora teve os seus profetas e apóstolos: para não falar em muitos outros de mais circunscrita esfera e menor vulto, apontaremos para o célebre e ilustrado ministro de D. José I.

Quando Sebastião José de Carvalho e Melo, por circunstâncias, talvez imprevistas aos olhos do vulgo, importantes todavia, quando se perscrutam os desígnios do Ser infinito no destino das nações e se estuda a sua ação providente sobre o mundo, apareceu à testa dos negócios do estado, assenhoreando-se do monarca, concentrando em si todo o poder político de uma nação, abatendo a nobreza, reprimindo o clero e subjugando o povo,— Portugal era patrimônio do rei, *feudatário* da corte de Roma, objeto de

exploração para as duas ordens nobilitadas, órfão de patriotismo, pupilo de nações estranhas!

### III

Principiava a árvore da *renascença* a produzir os seus frutos, e de sua frondosa copa já pendia, sobre a cabeça do povo, o saborosíssimo pomo da liberdade: sem que lhe aguardassem a queda, muitos espíritos elevados, vontades firmes e perseverantes haviam calculado as leis e, em harmonia com elas, traçado a *mecânica* política do *regime constitucional*; distinguindo somente entre — rei e povo,— não reconhecendo outras entidades sociais, demonstraram a necessidade de abater o orgulho da nobreza e destruir a influência do clero,— elementos politicamente inúteis e prejudiciais a um tal sistema!

### IV

Era pleno século XVIII.

O sol da liberdade começava de surgir e elevar-se no horizonte das sociedades europeias, e, com ele, despontava do lado da França o dia da emancipação popular.

Bacon, Montesquieu, Rabelais, Baile, Fontenelle, e outros, foram apenas a aurora do brilhante dia; Diderot, Alembert, Condorcet, e Rousseau, animando-lhe cada vez mais os raios luminosos, só esperavam por Voltaire, o astro da filosofia, por Mirabeau, o gênio da política, que, resumindo em si toda a ciência, toda a energia do seu século, haviam de dar a realidade ao sentimento e à ideia revolucionária.

### V

Foi no seio dessa atmosfera repassada de novos elementos, e impregnada de novos germens de vida, que o espírito de Sebastião José de Carvalho e Melo cresceu, se desenvolveu e preparou para vir a ser o que na realidade foi, com grande aplauso das nações e de certo com grande proveito nosso, se lograsse levar a cabo a regeneração política, moral e econômica do seu país, que tão habilmente empreendera e à qual miravam as vistas, eminentemente *liberais* e *patrióticas*, do ministro de D. José.

“Cultor assíduo de todos aqueles estudos, que habilitam o homem para governar; já herdeiro do aperfeiçoamento de muitas ciências e artes, que podem ilustrar o mundo político e determinar a prosperidade e engrandecimento dos povos, lendo e meditando os livros econômicos, políticos e financeiros, que em seu tempo inundavam a Europa”, ia dispondo o ânimo para entrar um dia afoito e lidar desassombradamente com os negócios da alta política e da administração pública.

Tomara por modelo, escolhera para seus mestres,— Richelieu, Sully, Colbert, Argenson, e as máximas, as memórias, os testamentos políticos destes estadistas, mas principalmente a moral, a filosofia e todos os trabalhos científicos dos enciclopedistas — foram o tesouro, onde aquela inteligência vasta, aquele espírito eminente, aquela vontade firme e enérgica se enriqueceram e hauriram luz e força, para produzir o que depois se viu e admirou.

## VI

Portugal era ainda, no começo do reinado de D. José I, o que a França principiara a ser desde o reinado de Luiz XV.

D. Pedro II e D. João V, fascinados pelo brilho deslumbrante e pelo aparato tumultuoso da corte de Luiz XIV, fizeram deste rei absoluto, libertino e folgazão, considerado, naquele tempo e pelo partido retrogrado e fanático, o protótipo da realeza absoluta, o seu aperfeiçoado modelo.

Um, seguindo a sua política e imitando o seu exemplo, lançou ao esquecimento as formas da antiga *monarquia representativa*; reprimindo a nobreza e o clero, sem libertar o povo, preparou o *absolutismo*.

O outro, animado de um espírito romanesco, dotado de uma imaginação ardente, dominado por uma piedade exagerada, ou especulando com uma calculada hipocrisia, imitou Luiz XIV nas suas vaidades, invejou-lhe a pompa e o esplendor da sua corte, satisfez os mais pueris caprichos e as mais levianas fantasias, nada sacrificou ao bem do povo, enriquecendo a cúria romana, esfalçou o tesouro público, enfraqueceu a agricultura e as artes, enervou o espírito e a atividade nacional, numa palavra — o rei fanático... fanatizou o povo!

## VII



Era mister levantar o edifício, que, minado pela base, dobrava já ao peso de tantas pompas e magnificências: o reino, povoado de suntuosos edifícios, deslumbrante de púrpura e ouro, mas pobre de atividade e iniciativa, definhando à míngua de moralidade e instrução, pendia já sobre o abismo, que um luxo repreensível e uma ociosidade criminosa lhe tinham aberto pelas mãos do próprio rei, sempre e em tudo dirigido pela corte de Roma, dominado pelo clero e lisonjeado pela nobreza.

## VIII

Gênio perspicaz, filósofo profundo e hábil político, o Marquez de Pombal já previa, como o antigo ministro de Luiz XV, que uma revolução, uma crise tempestuosa se avizinhava, para tudo transformar e regenerar tudo, ou tudo perder.

A Europa agitava-se em seus fundamentos: havia uma espécie de detonação, que impressionava os espíritos: estranhas convulsões abalavam o grande corpo social, como sintomas percussores de um próximo terremoto moral e político.

A anarquia popular avizinhava-se do seu momento fatal; o governo monárquico-absoluto, desacreditado em quase todos os estados da Europa, quase desconhecido no Novo Mundo e declarado por muitos espíritos retos o pior dos governos, esperava todos os dias a sua sentença de morte; a ação filosófica, apoderando-se das inteligências elevadas do século, ia-lhe preparando o suplício no patíbulo da opinião pública.

Os filósofos de Inglaterra e França trabalhavam fervorosos na propaganda liberal: as Teorias de Bacon e Montesquieu tinham sido profundamente desenvolvidas e levadas até às suas últimas consequências práticas.

A interferência da Inglaterra, a sua ação política, disfarçada debaixo da aparência de um grosso trato comercial, influenciava, de um modo enérgico e profundo, a situação moral e econômica dos povos; como as *cruzadas*, em nome de Deus e pela fé, produziram, em seu tempo, notável transformação social.

Um vento filosófico soprava da Alemanha, da Inglaterra, da França e da América, e murmurava aos ouvidos de muitos as palavras — *liberdade, emancipação, democracia, republicanismo* e outras, que bem significavam não estar longe o momento, em que o povo, senhor da sua vontade, cômico da sua *força*, reivindicasse os seus direitos, usurpados pela realza, ultrajados pelos nobres e em parte absorvidos pelo clero.

Uma nova forma de governo existia já traçada na mente de muitos homens ilustres.

As matérias combustíveis, que se haviam de inflamar para acender a revolução, acervavam-se por toda a parte.

Alguma cousa de extraordinário e assombroso se preparava no laboratório imenso da Europa!

Algum monumento, de suntuosa fachada e maravilhosa arquitetura, mas já gasto pelo roçar dos tempos, ia desabar até aos alicerces.

Era — a *bastilha* monárquica do absolutismo; era — o *capitólio* jesuítico da Teocracia, minados nos fundamentos, abalados na solidez!...

Finalmente as instituições, os poderes, as opiniões... tudo anunciava que a transformação estava iminente, e inevitável e fatal devia operar-se por uma revolução geral e profunda!

## IX

Filho do século XVIII, herdeiro da renascença, educado na filosofia e na política dos enciclopedistas, admirador dos grandes homens da França, versado nas suas obras e dominado pelas suas Teorias, seguidor das suas máximas, iniciado na vida política da Inglaterra, Sebastião José de Carvalho para logo viu os males que afligiam o povo e degradavam a nação, e que o único remédio, que podia salvá-los, era — ou uma revolução popular, uma guerra civil tempestuosa e terrível em sua ação, embora salutar e benéfica em suas consequências,— ou a reforma pacífica e diplomática das instituições.

Optou pelo segundo meio. Como político propôs-se o plano e as medidas de Richelieu, mas com outro fim e mirando a mui diverso resultado; como economista e financeiro esforçou-se por imitar o grande estadista Sully; discípulo de Quesnay, aprendera com ele que é no solo que reside a principal fonte de riqueza e as matérias primas de toda a produção; como Adam Smith já não ignorava que só o trabalho pode arrancar à natureza os seus produtos e, transformando-os, fazê-los servir à satisfação das necessidades humanas, à prosperidade pública e à felicidade doméstica.

Foi por isso que lhe mereceram particular atenção e desvelado esmero a agricultura e a indústria, as artes e os ofícios, que, arrancando o homem da abjeção, que a miséria gera, da ociosidade, que perverte, têm além disso a

singular virtude de emancipar o povo, entregando nas suas mãos, com o cetro do trabalho,— a *realeza* política.

## X

Sebastião José de Carvalho, discípulo fervoroso das ideias filosóficas, políticas e econômicas, que a França espalhava por toda Europa, compreendia bem o estado de fermentação revolucionária, em que por toda ela se agitavam os ânimos.

“Uma revolução é sempre um mal”, pensava ele, “uma enfermidade, que, só depois de longa e angustiosa convalescença, dá ao corpo social, martirizado, vigor e robustez.”

O empenho na realização de um plano imenso, profundo e salutar, de regeneração e progresso, só esperava oportunidade para se mostrar e desenvolver de um modo útil ao seu país, glorioso para ele e para o rei, em nome do qual e a bem do povo devia progredir afanoso na tarefa reformadora, que ousadamente empreendera.

## XI

O estado lamentável de quase completa desorganização, em que Portugal de há muito se debatia; a opressão, que sobre nós exerciam algumas cortes estrangeiras, nomeadamente a de Inglaterra, que de Portugal havia feito não só pupilo, mas vassalo obediente, dirigindo-nos a política, exaurindo-nos as fontes de toda a vida econômica, dominando em todos os nossos portos, explorando as nossas colônias ocidentais e obrigando-nos a votar a um quase completo abandono as ricas possessões do oriente, fingindo manter em *equilíbrio* a nossa independência nacional, e oprimindo-nos como povo conquistado,— eram motivos fortes para determinar o ânimo e despertar o desejo de aplicar remédio a tamanhos males, quebrar aquele jugo funestíssimo, ou pelo menos atenuar consequências desastrosas, que de dia para dia se iam agravando.

## XII

Por toda a parte o abandono da agricultura, o desprezo pelas artes, insignificantíssimo o trato comercial; um governo monárquico sem prestígio, um trono esplêndido sem solidez; o jesuitismo e a nobreza lisonjeando os reis,

fanatizando o povo e especulando com a sua piedade, dominando e oprimindo, gozando sem trabalho, adquirindo por meio de sucessivas usurpações, acumulando sem esforço; o luxo e a imoralidade para uns, a miséria e a degradação para outros... tal era a situação perigosa e assustadora, o triste espetáculo, que a nação oferecia, quando Sebastião José de Carvalho apareceu na cena pública e concebeu o arriscado mas grandioso projeto da sua emancipação, restabelecimento e progresso!

### XIII

Valendo-se, por um bem combinado cálculo, da proteção, que desde muito tempo lhe dispensava a viúva de D. João V, e da docilidade e benevolência de D. José I (que de seu pai havia recebido uma medíocre e superficial educação, sendo por natureza débil em forças e talentos), gozando já entre nós de um nome ilustre, que, a par de outros títulos, tinha por fundamento a subida reputação que alcançara em Viena de Áustria, não perdeu a primeira ocasião, que lhe pareceu oportuna, para, aproveitando o favor e a confiança do rei, salvar o seu país, reivindicar a independência da nação e dar liberdade ao povo.

Foi o seu governo um dos períodos mais gloriosos da nossa história!

Foi Sebastião José de Carvalho um dos maiores vultos do século XVIII!

Foi então que se travou no meio de nós a mais porfiada luta da *reação* com a liberdade!

### XIV

É por isso que, entre os grandes gênios, fadados para ousados cometimentos, entre os ministros enérgicos em empreender e vigorosos em executar, não há nenhum que se lhe avante, nenhum que, em menos tempo, mais se distinguisse, maiores benefícios prodigalizasse ao povo e mais glória alcançasse ao rei:

- Restaurou a disciplina militar.
- Fortificou as praças de armas.
- Renovou a marinha.
- Reanimou a agricultura.

- Restaurou e desenvolveu as artes, de todo esquecidas, e vivificou o comércio moribundo.
- Restabeleceu e firmou o crédito público, e organizou as finanças.
- Reformou e ampliou os estudos superiores, segundo os progressos literários e científicos do século.
- Abriu as portas da instrução popular, fechadas pelo jesuitismo, àqueles que durante séculos haviam sido condenados às trevas da ignorância e da superstição.
- Instituiu mais de oitocentas escolas gratuitas para o ensino primário.
- Criou e dotou colégios, escolas secundárias e profissionais para a navegação, comércio e outras indústrias.
- Diminuiu as prerrogativas, cerceou os privilégios e abateu o orgulho da nobreza.
- Tentou apagar ódios de raças e extinguir lutas de crenças religiosas.
- Abriu caminho amplo à confusão das classes e à igualdade perante a lei.
- Tornou livres os indígenas do Brasil, e levantou barreiras ao tráfico infame e degradante da escravatura.
- Reprimiu as despóticas exigências e a preponderância orgulhosa da *insaciável* Inglaterra.
- Frustrou os planos *ambiciosos* da Espanha.
- Celebrou tratados políticos e comerciais com muitas nações da Europa, e com outras o pato da nossa independência e dignidade nacional.
- Fundou e organizou companhias de comércio e indústria, para reanimar as nossas colônias, ou de todo abandonadas, ou preza da cobiça de estranhos especuladores.
- Restringiu o tremendo poder da inquisição, e procreveu os autos de fé.
- Dobrou e venceu a preponderância pontifícia, e refreou, por vezes, a cólera do Vaticano, apontando ao Papa quais os limites onde devia expirar o seu poder temporal e político...

— Substituíu à autoridade dos juriconsultos romanos e às argúcias e sofismas dos glosadores, que mantinham agrilhoadas as leis e a jurisprudência ao império absoluto de uma ciência convencional, curvada sob o peso de muitos séculos e já decrépita — a autoridade da Razão, esse poder soberano, capaz de descobrir a verdade; alargando assim o campo de exploração a um dos maiores gênios do século — Paschoal José de Melo Freire, o sábio juriconsulto português, que por si só igualou, se não é que excedeu, ao mesmo tempo Montesquieu e Beccaria.

— Vendo que as artes e as ciências floresciam na Inglaterra e por quase toda a Alemanha, para logo viu também a necessidade de operar uma revolução completa no mundo científico, literário e artístico; e foi ela tão profunda e salutar, que, no dizer de Almeida Garret “tudo mudou de face; caiu o colosso jesuítico, o reino de Aristóteles e a barbaridade Tomística, para lhe suceder Milton, Bacon, Descartes, Newton, Lineu e outros.”

É que o reflexo de uma nova luz brilhava do lado do setentrião, para inundar com o seu esplendor a nós “os meridionais, que estudávamos as *categorias* e as *sumas*, aguçávamos distinções, alambicávamos conceitos, retorcíamos a frase no discurso e torcíamos a razão no pensamento” nada produzindo de bom e útil ao progresso da humanidade.

A reforma da universidade produziu: José Anastácio da Cunha, Avelar Brotero, Monteiro da Rocha, Melo Freire e muitas outras ilustrações, que, exterminando a barbaridade, haviam de produzir a civilização, e, fundando a república das letras, pela soberania da razão, única verdadeira e legítima, abater se não destruir o império absoluto de uma autoridade prepotente, acoitada sob a roupeta jesuítica e entrincheirada por detrás do volumoso, mas indigesto, *corpus juris romanorum*, das leis canônicas e dos mil *in folio* dos glosadores e reinícolas.

E a universidade de Coimbra começou de ser mais uma prova eloquente, não só da influência, mas também da fecunda iniciativa, que as *universidades* desenvolveram sempre em preparar e promover as revoluções do progresso pela liberdade.

Bem sabia ele, porque a reflexão e a experiência poucas vezes deixam iludir os homens de gênio, que à república das letras, à emancipação da inteligência devia suceder— a democracia política e a liberdade para o povo.

Foi também em virtude desta lei que à reforma religiosa do século XVI sucedeu— a revolução social de 1688 em Inglaterra; e à revolução literária e científica das ideias no século XVIII— a revolução política de 1789 em França.

— Ordenou que as *execuções* por dívidas parassem diante das portas das cadeias, que até 1774 em Portugal, até 1867 em França, se abriam como ainda hoje em Inglaterra para sequestrar a liberdade daqueles, que muitas vezes não tinham outro crime além da pobreza, outro pecado além da miséria!

E quando ainda ontem a imprensa liberal de todos os países saudava, em nome do progresso, e aplaudia, como gloriosa e civilizadora, a abolição de tão odiosa pena, havemos de ficar silenciosos ante a memória do Marquez de Pombal, que a eliminou, um século primeiro, em nome da humanidade?!

Finalmente, o Marquez de Pombal, usando da opressão e da tirania, empregando o terror e o despotismo, mirava à grande transformação social, que em França se operou depois; preparava, pacífica e diplomaticamente, o que ela só pôde alcançar por meio de uma conflagração geral, e entregando-se louca e desvairada a todos os excessos, a todos os horrores da guerra civil, à *guilhotina* e às *barricadas*, com que imolava os seus próprios filhos e assolava as cidades, as vilas e os campos, ensanguentados pelos combates fratricidas ou entregues à voracidade das chamas, à pilhagem e à carnificina!...

## XV

Não recuou o Marquez de Pombal, porque o julgou necessário e de maravilhoso efeito para libertar o povo, diante do cadafalso, levantado para rolarem algumas cabeças *nobres*.

Não tremeu o Marquez de Pombal, quando lavrou o decreto que expulsava os *jesuítas*; pois com tão rasgada medida não só beneficiou Portugal, mas a Europa inteira e o Novo Mundo; com este ato de sabia política quebrava as cadeias, com que os *padres da companhia* amarravam as consciências ao poste de uma fé convencional; limpava o corpo social da lepra da superstição e do fanatismo, que rapidamente se propagava e desenvolvia, por toda a parte, aonde penetrava o mórbido contágio da roupeta dos *maus e falsos companheiros* de Jesus!

Para alguns são estes dois fatos dois grandes e execrandos crimes; para outros duas louváveis virtudes; para nós — dura necessidade, consequência *forçada* na realização de um plano salutar e benéfico.

A nobreza e o jesuitismo eram, naquela época, os obstáculos gigantes, que se opunham ao estabelecimento da liberdade.

A nobreza e o jesuitismo, deserdando, espoliando o povo de tudo o que podia torná-lo livre e independente, disputando o poder, a influência e a

preponderância monárquica, eram estorvo invencível ao *sistema representativo*, à adoção e reconhecimento legal das *garantias constitucionais* e das *prerrogativas da coroa*, que a filosofia política de século, as necessidades do tempo e o exemplo da Inglaterra instantaneamente reclamavam, cujo disco luminoso começava já a brilhar nos horizontes do futuro em muitos estados da Europa, cuja triangulação havia sido habilmente traçada sobre — a *inviolabilidade* do rei— a *responsabilidade* do *ministro* e a *soberania*, do *povo*.

## XVI

O Marquez de Pombal queria a liberdade para a pátria e para o povo, como a primeira fonte de engrandecimento e prosperidade nacional.

O Marquez de Pombal não fantasiava Teorias políticas nem traçava sistemas filosóficos; não escrevia pungentes ironias e ásperos epigramas; não defendia e exaltava o protestantismo, para censurar e maldizer a Igreja católica; não persuadia a revolta nem excitava os povos à pilhagem e à carnificina — concebia medidas úteis e prudentes, e executava-as conforme as circunstâncias imperiosamente o exigiam.

A regeneração íntima dos homens e das instituições, e não a organização *formal* e superficial do sistema governativo, foi o seu firme propósito, objeto constante de sua atividade e desvelo, embora para o conseguir fosse necessário dominar o *rei*, oprimir e desacreditar os nobres, desprestigiar e abater o clero.

Tinha por ventura o *rei* força, energia, firmeza de vontade, ciência e coragem para salvar a nação e o povo e detê-lo à beira do abismo, que de dia para dia lhe cavavam profundo tantas causas de ruína?!

Seria bastante robusto o seu braço, poderoso o seu cetro de ouro, valiosos os diamantes da sua coroa, para poupá-los ao choque revolucionário, que de perto e ao longe se pressentia, e que em breve devia abalar a Europa inteira, já consideravelmente agitada pelas pulsações, que violentas se sucediam no coração da França e que a faziam estremecer até às mais afastadas extremidades?!

Qual teria sido o destino do pequeno e então pobre e humilde Portugal, se o não houvessem preparado para resistir à onda revolucionária, que mais tarde lhe devia passar por sobre as *quinas* e inundar os seus *castelos*?!

Existiria hoje Portugal, como nacionalidade e país *independente*, se lhe não houvessem dado, anos antes, força e coragem, recursos e patriotismo, para não



sucumbir abatido ante as armas vitoriosas do moderno César, que, debaixo da forma do despotismo e da tirania, da invasão e da conquista, contra a sua vontade talvez, ou, melhor ainda, sem o pressentir, fazia com a ponta da espada e com a boca de seus mil canhões a propaganda liberal?!

### XXIII

Depois da ressurreição nacional, que em 1640 sucedeu à morte da independência da pátria, esmagada pelo peso opressor de estranho jugo, devida não como pretendem alguns, às combinações *grandiosas* e à política *admirável* de Richelieu, mas à patriótica iniciativa e à dignidade heróica dos conspiradores populares,— a nação portuguesa recobrou a sua autonomia, despedaçou as algemas de tão odiosa servidão política, desprendeuse, por um soberano esforço de coragem, dos braços de ferro, em que durante longo e angustioso período a tinham apertado os déspotas castelhanos, e levantou sobre o trono de Afonso Henriques, reis, se não filhos do povo, eleitos e proclamados por ele.

Portugal entrou de novo no domínio e posse de suas conquistas; e o soberano opulento do Oriente, o descobridor generoso de ignotas plagas e de estranhas gentes, ergueu-se do túmulo, que lhe tinham aberto o arrojo pueril de uma criança ávida de glórias vãs, e a imbecilidade trôpega de um velho cardeal fanatizado.

Era todavia sombra majestosa de um vulto heróico, surgindo entre as ruínas de suntuoso edifício desmantelado!

Nem exército, nem marinha, sem comércio, sem indústria, exaustos os cofres do estado, perdido o crédito, nominal a riqueza de suas maravilhosas descobertas, vazio o tesouro de suas conquistas!... Só com a auréola de passadas glórias; sem outro título perante as nações, além da merecida gratidão, a que tinha direito pelos valiosos serviços prestados à humanidade e à religião, que o ligara ao céu e a Deus logo desde o berço!

Havia para ele a esperança no futuro firmada na lembrança do passado; existiam amontoados, sobre os mares e nas suas ricas possessões abandonadas, os despojos da sua antiga grandeza; o seu nome escrito sobre toda a extensão do Oceano, brilhando nas coroas de muitos monarcas, gravado no coração de muitas nações florescentes!

Foi por isso que todos acolheram com aplauso o brado da sua independência e lhe ajudaram a manter a liberdade, que desastrosamente havia perdido nas plagas longínquas de Alcacer Quivir e sobre o leito de um cardeal moribundo!

A coroa de ferro dos senhores de Espanha precisava das pérolas e dos diamantes de quatro mundos!...

Para cobrir a juba ensanguentada do leão de Castela eram necessários os alvíssimos arminhos do manto de nossos reis!...

A ambição insaciável do espanhol, não contente com as suas possessões, pretendia ainda com sôfrega cobiça usurpar as colônias portuguesas, que já se alongavam e estendiam do oriente ao ocidente, do setentrião ao meio dia, sobre todos os continentes, à roda e no meio de todos os mares!...

## XXIV

Os herdeiros da casa de Bragança, os *populares soberanos eleitos pelo povo*, os primeiros representantes dessa realeza *legítima*, nem compreenderam a sua elevada missão, nem lhe importaram as necessidades do *seu* povo, não sabendo ou não querendo aproveitar-se do amor e da confiança que neles haviam depositado os que, resgatando o reino, lhes cingiram o diadema e lhes lançaram sobre os ombros a púrpura de duas *dinastias*!

Não empreenderam reformas; não traçaram plano algum de política definida; não promoveram o desenvolvimento ou ao menos a restauração da indústria, do comércio, da navegação — de todos quantos elementos constituem a vida laboriosa, o bem estar social e a prosperidade de uma nação livre, independente e opulenta do que poderia torná-la grande e respeitada; exaurindo o *erário*, sem ativar as forças da riqueza pública e particular, sem abrir novos mananciais de produção, sem dotar o país de melhoramentos de reconhecida utilidade... sua única preocupação, todo o seu empenho limitava-se, parecia comprazer-se até, em aumentar e completar o despotismo, que estranhos para cá haviam importado, e o gosto da época, o exemplo de outras cortes, muito favoreciam, engrandecendo ao mesmo tempo os jesuítas, dando força e apoio ao tribunal da inquisição; em manter um fausto ruinoso, em propagar o amor e a paixão por um luxo, mais do que inútil, prejudicial, e por vezes e em muitas cousas insolente; em consumir improdutivamente, com vaidades reais, em suntuosas construções, em dispendiosas obras de arte, e, o que é pior, em beatificas e exageradas piedades mundanas, capitais imensos, somas fabulosas!

Portugal, arrancado pela mão do povo ao jugo de Castela, é em 1703 *hipotecado* aos ingleses, que o exploraram, como o possuidor de *má fé* explora a propriedade alheia. Roma especulou também; a nobreza e o clero completaram este sistema de legal e convencionada pilhagem!...

## XXV

Foi nesta situação, agravada por muitos males, que o sábio e corajoso ministro de D. José se propôs a tarefa espinhosa de restaurar a pátria, quebrar o jugo estranho, que lhe pesava odioso, extinguir aquela vexatória exploração, que, debaixo da aparência de uma *benéfica* tutela, lhe ia aniquilando as forças físicas, ao mesmo tempo que *outros*, invocando a fé e o Evangelho, a cruz e a Redenção, abrindo masmorras e atijando fogueiras, iam apagando a luz na alma e imobilizando o espírito do povo!...

Restabelecer a atividade e ordem no seio da família portuguesa, dar-lhe a liberdade, fundar a felicidade doméstica e a prosperidade pública, — tal foi o seu elevado empenho.

É pois a inteligência, a vontade, o poder de um só homem,— reanimando uma nação moribunda, prestes a esconder-se no cemitério da história, embora as gerações vindouras, prestando-lhe a devida homenagem, houvessem de lhe gravar sobre a campa o mais glorioso epitáfio; — chamando à vida, ao trabalho, à liberdade e à independência um povo escravo da nobreza e do clero, e, o que é pior, da ignorância, do fanatismo, da indolência e da miséria;— elevando e fazendo respeitar um rei *servo* da corte de Roma, *vassalo* da Inglaterra!...

## XXVI

Luta infatigável de tantos anos, se não de todo infrutífera, porque a semente, que ficara escondida na terra, veio mais tarde a germinar com o calor das revoluções, foi todavia malograda pelas intrigas dos nobres e do clero, pelas ambições da Inglaterra e da Espanha: aqueles, ainda curvados sobre o catafalco de D. José, juravam o extermínio do homem, que consideravam seu implacável e invencível inimigo; estas, insinuando às ocultas a queda do independente ministro, prometiam *apoio seguro* aos que empreendessem e conseguissem derribá-lo.

Á morte do rei sucedeu pois a queda do ministro e por último a condenação e o exílio do varão prestante e benemérito, caluniado, perseguido e processado por ter amado o rei e a pátria, o povo e a liberdade!...

## XXVII

Poucos anos depois da sua morte, apressada talvez pela condenação, que o obrigara a encerrar-se em lugar obscuro, e afastado da corte, onde ostentara ciência e poder, força de vontade e energia, regulando sabiamente os destinos da nação, que por sua direção imediata e em suas próprias mãos se havia reanimado e engrandecido, realizavam-se em França as profecias da revolução, com todos os horrores da guerra civil.

A cabeça de Luiz XVI rolava nos degraus do cadafalso, que lhe levantaram os déspotas da *liberdade*, como também em Inglaterra havia caído abatida a cabeça de Carlos I. A guilhotina fazia vítimas às mil, tragava, devorava, em nome da *deusa da razão*, como a fogueira inquisitorial em nome da religião santa! O punhal revolucionário, impellido pelo braço homicida dos revoltosos, alastrava as ruas e as praças de cadáveres com a mesma fúria, com que em outras eras imolara os *albigenses* e os sectários da religião *reformada*.

Foi seu intuito, objeto de seus infatigáveis esforços, obter o mesmo resultado, por meios brandos e pacíficos; conquistar as mesmas ideias, fazer dominar os mesmos princípios, firmar o poder dos reis na *soberania de todos*, dar a liberdade ao povo por meio de uma *constituição representativa*, semelhante à que vigorava em Inglaterra, embora para o conseguir fosse necessário usar de tirania contra alguns nobres, decretar o extermínio de uma congregação mais política do que religiosa, odiada já em toda a Europa e em muitas regiões da América, condenada pelas universidades seculares, mal vista dos povos e de uma parte considerável do clero, e até repudiada pela Igreja.

## XXVIII

Era forçoso, em tão arriscado e perigosíssimo lance, em circunstâncias tão anormais, opor à tirania de alguns a tirania de um só, ao despotismo de muitos o despotismo em nome do rei; de outra sorte não conseguiria desarmar as ciladas, desfazer as intrigas, cortar os tramas, frustrar manejos, surpreender conspirações, que tudo e por toda a parte a *nobreza* e o *jesuitismo* estendiam e maquinavam ao *rei*, ao seu *ministro* e ao *povo*, que, ligando-se por um pato inviolável, não tardariam a destruir-lhes a insolente *preponderância*, a extinguir-

lhes os *privilégios*, a suprimir-lhes as *regalias*, a alevantar-lhes os *foros*, a picar-lhes os *brasões*, em uma palavra a dobrar-lhes as *orgulhosas servis* sob o jugo inflexível da — *igualdade perante a lei*.

Se o Marquez de Pombal não fosse vítima de falsas acusações e vis intrigas, se se conservasse mais algum tempo à testa dos negócios públicos investido do supremo governo da nação, se houvesse gozado junto do trono de D. Maria da mesma confiança, apoio e favor, que alcançara perante D. José, a *constituição* teria aparecido primeiro em Portugal do que em França, em Espanha e em outros países, e o sistema *representativo* seria proclamado entre nós, pelo menos, ao mesmo tempo.

É esta uma verdade, que imediatamente deriva dos fatos, e que dificilmente poderá escurecer-se.

O despotismo, a tirania de que se argui Pombal, era imposta pelas necessidades, como o único meio de chegar à liberdade.

Não ignorava por certo este grande homem— que a *liberdade* e a *tolerância* só com a liberdade e com a tolerância podem solidamente fundar-se no seio de uma nação.

Bem sabia ele — que os partidários da liberdade e da tolerância devem deixar o emprego da força aos partidários da força e da intolerância.

Mas este conselho evangélico, que só hoje começa a converter-se em preceito obrigatório, este grande princípio Teórico, era naquela época, atentas as circunstâncias, de impossível aplicação na prática.

O que no século XIX em 1868 não pôde realizar a Espanha, era nos fins do século XVIII uma utopia impraticável em Inglaterra, em França, e muito mais em Portugal.

Os desígnios do grande estadista e as suas vistas eram patrióticas; o seu ideal a emancipação política, religiosa, moral e econômica do povo, que ele conhecia — grande, opulento e soberano na história,— pequeno, pobre e escravo no presente; o móbil que o determinava o amor da liberdade.

Sebastião José de Carvalho mostrava em muitos dos seus atos ser no interior da sua alma, no íntimo da sua consciência, pela razão e pelo sentimento, um dos maiores e mais entusiásticos liberais do século XVIII.

Se não pôde ver executado o seu plano e levar ao cabo tão gloriosa empresa, arremessando para longe a máscara do despotismo, foi porque o não deixaram; foi ainda a *reação*, que lho impediu, a injustiça que lho estorvou.

Despojado do poder, privado da ação governativa, condenado ao ostracismo político, exilado para longe da corte, afastado dos negócios públicos, viu malograda a sua obra; não lhe embaciaram porém a glória, não lhe quebraram os brasões, e, o que é de maior valia, não lhe extinguiram a gratidão no coração dos povos; e se ao tûmulo baixam esperanças, devia acompanhá-lo a lembrança de que um dia as suas ideias haviam de ser realizadas, os seus princípios triunfar, e o plano, que lhe absorvera a existência inteira, posto em plena execução, o seu nome exaltado, a sua reputação glorificada e os seus inimigos, os inimigos do povo e da liberdade, confundidos.

Se ao Marquez de Pombal não permitiu Deus continuar a obra do *constitucionalismo*, cabe-lhe todavia a bem-merecida glória de preparar o país e os povos para a proclamarem trinta anos depois da sua morte.

## XXIX

Á transformação, que Portugal experimentou pela ação previdente e reformadora do grande ministro, aos elementos de força e prosperidade, que não só indicou, mas com que legalmente dotou a pátria, às instituições políticas e econômicas, e aos germens de educação popular, que semeou, devemos em grande parte os benefícios, que com razão se atribuem à revolução liberal.

Sem o gênio fecundo, sem a inteligência vasta e a dedicação inexcedível de Sebastião de José Carvalho, seria Portugal conquista partilhada entre a França e a Espanha, ou nação livre e independente?

No estado de desorganização política, de desordem moral e econômica, de miséria e degradação, a que Portugal tinha chegado antes da sua administração, seria possível o triunfo glorioso do partido liberal em 1820?

Creemos firmemente que não: assim no-lo dizem a razão e a consciência, firmadas na história e esclarecidas pela filosofia dos fatos.

É por isso que entre as causas remotas, mas essencialmente determinativas, da transformação liberal, que depois se operou, devemos considerar, como uma das mais importantes e eficazes, o governo forte e enérgico, a administração sabia e ilustrada, a política severa e, por vezes, intolerante do Marquez de Pombal.

Abone a história imparcial a verdade que o paradoxo esconde.

Que importa a expulsão dos jesuítas?

Era uma necessidade para o estabelecimento da liberdade política e da tolerância religiosa, que o Marquez de Pombal amava, queria fundar, e que eles detestavam.

Que importa que do alto do cadafalso rolassem as cabeças de alguns nobres, que, ociosos e embriagados no mais escandaloso luxo, conspiravam contra o rei, odiavam as reformas do ministro, queriam privilégios e prerrogativas injustificáveis, oprimiam e vexavam o povo, nada fazendo em benefício da pátria; e, de mãos dadas com os inquisidores, discípulos de Loiola, dedicados familiares do *santo ofício*, procuravam a morte do rei, a queda do ministro e a ruína da nação?!

### XXX

O Marquez de Pombal obstou por uma sabia política — ao despotismo do rei, à oligarquia dos nobres, à Teocracia dos jesuítas, à miséria e à degradação do povo.

“Foi, como se exprimem alguns, odiado dos nobres pelo seu nascimento e pelo seu liberalismo; dos inquisidores pela sua tolerância e moderada piedade; dos jesuítas pelo seu saber e perseverança; da população por sua severidade; dos ingleses pelos obstáculos que lhes opôs, e com que abateu a sua onipotência comercial e política.”

Os inimigos implacáveis do ministro só com a morte do rei puderam derribá-lo, mas não perdê-lo. Afastaram-no dos negócios públicos; mas nos dias do seu poder nem lhe torceram o ânimo nem lhe afrouxaram os esforços, que continuamente empregou para o engrandecimento e regeneração da sua pátria.

Interrogai a política, a moral, a jurisprudência, as finanças, a agricultura, o comércio, a indústria, as artes, a navegação, a milícia, a instrução pública, e até a própria religião; numa palavra, consultai as leis, as instituições e os costumes, e por toda a parte encontrareis ainda hoje a sua ação benéfica e reformadora.

A guerra implacável, que então lhe fizeram os retrógrados e os absolutistas, os nobres e os jesuítas, a inquisição, a Espanha e até a própria Inglaterra, é a mesma que a *reação* máquina e promove ainda hoje e tem promovido sempre contra os *liberais*.

Se o Marquez de Pombal foi déspota, se empregou o terror e a tirania, não lhe vinham d'alma tais excessos, nem lhos inspirava o seu gênio altivo e severo, mas liberal e benfazejo; provocava-lhos a reação dos nobres e dos fanáticos,

exigiam-lhos as necessidades da pátria e os velhos e inveterados prejuízos do passado.

Não foi para exaltar o despotismo, nem para lisonjear o monarca, que, por amor do povo e para bem da nação, parecia adorar a realeza.

Não foi para satisfazer vaidosas ambições de quem nunca mostrara tê-las, que a memória do *augusto príncipe* se gravou no bronze da estátua equestre, nem o monumento levantado para impor ao povo a idolatria monárquica.

### XXXI

Todos os grandes homens como todos os santos têm a sua estrofe na epopeia legendaria do povo.

Afonso Henriques, Mestre de Aviz, Nuno Álvares Pereira, João das Regras, Vasco da Gama, D. João de Castro, Afonso de Albuquerque, Camões, João Pinto Ribeiro, frei Bartolomeu dos Mártires, frei Caetano Brandão e mil outros, perpétuos na história, são criações ideais na imortalidade da legenda.

O Marquez de Pombal, tendo sido na realidade tudo o que dissemos, é no bom senso dos povos um ente legendário. É um tipo ideal, que não se apaga, que jamais se apagará na consciência e na imaginação do nosso povo, como o serão no futuro e em parte já o estão sendo Gomes Freire, Fernandes Thomaz, Borges Carneiro, Ferreira Borges, Mousinho da Silveira, Agostinho José Freire, Passos Manuel, Alexandre Herculano... são sempre estes os homens que o povo escolhe para cantar na sua lira de ouro, para perpetuar-lhes a memória na sua rude mas espontânea e sincera poesia.

Todos os grandes homens começam por ser utopistas; a sua vida é uma luta sem tréguas. Numa das mãos o camartelo destruidor do passado que resiste, na outra o facho civilizador das ideias alumando o caminho do futuro que a sua razão descobre.

Para prêmio as mais das vezes o martírio, para recompensa o esquecimento ou a injustiça na história.

Mas, para salvá-los desse esquecimento ou reparar essa injustiça lá está o bom senso, o espírito reto, a alma poética, o coração agradecido dos povos, a legenda, esse — *relatus inter divos*, com que ele significa e apregoa a imortalidade e faz a apoteose dos seus heróis.



A estátua de D. José I pode tombá-la a mão soberana do povo ou pulverizá-la a lima edaz do tempo, que assim gasta o granito como o bronze e tudo consome.

A *realeza*, depois de haver durante séculos contrariado os progressos da civilização pela liberdade, pode ser amanhã um fato *utópico*, sem valor na consciência da humanidade, sem deixar saudades nem merecer bênçãos; mas o homem grande pela grandeza do gênio, pelo acerto e inergia de ação, o homem, que ilustrando a pátria beneficiou o povo, é vulto que se ergue majestoso ante os olhos de todas as gerações que passam e em todos os séculos que voam; tem a imortalidade no sentimento íntimo das massas, na consciência do povo; em cada coração um altar de saudades, em cada cabeça um monumento de glória, em cada boca uma trombeta a apregoar-lhe as virtudes... e todas as mãos se erguem para o abençoar e aplaudir.

Que a realidade histórica do grande Sebastião José de Carvalho e Melo corresponde à poesia da legenda provam-no muitos documentos, cuja autenticidade não pode ser contestada: foi por isso que nos dispensamos de os apontar, ou transcrever.

Muito além poderíamos avançar nesta apreciação histórica, fragmento de um livro inédito, em que o assunto ocorreu incidentalmente: julgamos bastante este simples esboço crítico, ligeiros traços, a que outros mais competentes darão luz e colorido.

## NOTAS

***Existiria hoje Portugal, como nacionalidade e país independente, se lhe não houvessem dado, anos antes, força e coragem, recursos e patriotismo, para não sucumbir abatido ante as armas vitoriosas do moderno César, que, debaixo da forma do despotismo e da tirania, da invasão e da conquista, contra a sua vontade talvez, ou, melhor ainda, sem o pressentir, fazia com a ponta da espada e com a boca de seus mil canhões a propaganda liberal?!***

Napoleão! que a Providência parece haver lançado no meio das ruínas, a que a revolução de 1789 tinha reduzido a França, para levantar sobre os destroços do despotismo o domínio salutar e benéfico da liberdade!

Os elementos corrompidos, que constituíam uma civilização, já caduca, enferma e quase moribunda, foram por último triturados, dissolvidos pela ação candente do vulcão revolucionário, que tinha por principal reagente a liberdade.

A desagregação molecular, se assim é lícito dizê-lo, do monstruoso cadáver do feudalismo, da Teocracia e da realeza absoluta, operou-se de um modo geral e completo no violento e vigoroso impulso, que a força soberana do povo havia desenvolvido.

Família, patriotismo, coesão e unidade nacional e política, religião, amor de dignidade, nobreza de sentimentos elevação de ideias, aspirações de glória e a própria liberdade... tudo havia desaparecido, abismando-se em completa desordem e anarquia, na imensa cratera, que a espantosa erupção revolucionária acabava de rasgar no seio da França.

O império, a concentração, o despotismo, a tirania das armas, os estragos aparentes da conquista, as invasões ambiciosas de um homem e do seu numeroso exército, despertaram e desenvolveram por toda a parte uma nova força de coesão e afinidade, para reunir os fragmentos dispersos, e dar ao corpo dilacerado consistência e unidade por meio de um novo arranjo político, religioso, moral e econômico, que lhe assegurasse a existência e uma vida regenerada e pura.

Do embate de duas forças contrárias, mas tendentes e suscetíveis de formar um dia o *equilíbrio* — da ação *descentralizadora* da república e da ação *concentradora* do império, devia mais uma vez resultar a *harmonia*!

Com a baioneta e com a espada levava o soldado do império o terror e o espanto ao seio das famílias nas terras, que invadia e conquistava,— era o instrumento material e automático do despotismo.

Com a palavra, junto do lar doméstico e rodeado dessa família, que o recebia, como inimigo e como hóspede, narrava os feitos gloriosos da revolução, expunha o seu plano, traçava as suas reformas, bendizia os seus benefícios, exaltava as suas doutrinas, aplaudia o seu triunfo — era o apóstolo fervoroso da liberdade, o discípulo inteligente e livre da escola de 89.

A Constituinte tinha-lhe dominado a inteligência e o coração; Bonaparte recrutara-lhe apenas os braços e a força muscular.

Aquela apontou-lhe para o sol da liberdade e dava-lhe como prêmio a emancipação: este descobriu-lhe o horizonte luminoso da glória e prometia-lhe a coroa do vencedor.

Estas duas forças, ambas poderosas, ambas intrépidas e inflexíveis na meta, quase sempre terminam por transigir... Se uma convence e domina, a outra seduz e arrasta; e às vezes a razão e a consciência humilham-se ante as ambições mesquinhas dos homens... E a história prova de sobejo que se os filhos da França amam a liberdade, prezam sobre tudo a glória militar, o que não admira se atentarmos à poderosa influência que sobre este povo exerceram duas raças, duas civilizações diferentes — a latina e a germânica, e à sua educação guerreira.

Foi por isso que ao vulto heróico do soldado imperial seguia por toda a parte a sombra, pelo menos, do revolucionário de 89.

***A ambição insaciável do espanhol, não contente com as suas possessões, pretendia ainda com sôfrega cobiça usurpar as colônias portuguesas, que já se alongavam e estendiam do oriente ao ocidente, do setentrião ao meio dia, sobre todos os continentes, à roda e no meio de todos os mares!...***

Hoje ainda nos invejam e disputam a liberdade, o nosso mais precioso tesouro... Hoje clamam pelo irmão português para que lhe cure as chagas venenosas da tirania e lhe restitua a vida quase exausta pelo despotismo com o elixir animador da liberdade!...

A liberdade!...

A liberdade, que os desventurados filhos da moderna Espanha, os que se apelidam legítimos descendentes de árabes e godos, parece não sentirem nem conhecerem, e que muitos traiçoeiramente fingem amar, para mais facilmente a destruïrem!...

Querem a liberdade que para o português é a vida, que o português ama e respeita, de que o português é apóstolo e soldado inflexível?...

Levantem-lhe um altar e adorem-na; façam-se missionários e propaguem-na; e, se tanto for preciso, oponham aos déspotas, que os oprimem, o despotismo das revoluções.

Não clamem pelo *auxílio* daqueles que, não podendo dar-lhes essa liberdade, não querem, com uma união impossível, perder a sua!...

Os livros santos falam de um Caim e de um Abel.

Terá a história contemporânea, um dia, de personificar neles dois povos que se dizem também *irmãos*?!

Venha, e bem vinda seja,— a harmonia nas leis; a uniformidade nas instituições; o consórcio das literaturas; a aproximação dos costumes; a intimidade de relações morais e econômicas: caiam por terra essas odiosas barreiras que estorvam a liberdade de comércio entre os dois povos, e a troca de seus produtos; acabe por uma vez o repugnante sistema dos passaportes; entronquem-se as linhas férreas; facilitem-se as comunicações fluviais; canalizem-se os rios comuns; celebrem-se congressos científicos e literários, exposições industriais e artísticas, *peninsulares*; venham, numa palavra, a fraternização dos homens e a aliança dos governos; mas, para fortalecer a *autonomia* dos dois povos e garantir a *liberdade de todos*, — e o *futuro* resolverá o difícil problema, para o qual a *natureza* e a *história* fornecem dados tão diferentes e heterogêneos, que o tornam *hoje* absolutamente insolúvel.

\*\*\*

Em 1866, em que pela primeira vez se traçaram estas linhas, bem se pressentia já o que dois anos depois veio a suceder, e se está realizando na vizinha Espanha.

Comoções violentas denunciavam o aproximar— de uma revolução profunda para preparar uma regeneração íntima,— de um esforço gigante que devia partir os ferros a essa nação escrava da tirania e do fanatismo, agrilhoadas (e o que é assombroso!) por alguns de seus degenerados filhos ao poste do mais afrontoso despotismo e da mais ignominiosa intolerância política e religiosa!

Fez-se o esforço, operou-se a revolução e com tanta maior glória quanta maior abnegação e generosidade; caíram os tiranos, libertaram-se os oprimidos, erigiram-se altares, levantaram-se monumentos à liberdade em muitas leis e instituições, novas ou regeneradas; mas a revolução profunda no sentimento, grandiosa na ideia, sublime nas inspirações, é, fatalmente, à hora em que escrevemos mais um desengano pungentíssimo que uma ilusão fagueira, antes um desalento que uma esperança.

A Espanha parece retrogradar, em vez de progredir; olha desconfiada e como receosa para o futuro que a chama, e pesam-lhe saudades do passado, saudades de amarguras, saudades do seu longo martírio!

Desventurada Espanha! Para que te cortam o voo de legítimas aspirações?

Para que sem dó arrancam no teu belo jardim de esperanças as mais formosas e prometedoras?

Para que te querem agrilhoar de novo ao poste onde te supliciaram durante tantos séculos?

Mudança de *potro*, mudança de *cutelo*, substituição de *algozes*... mas sempre o mesmo suplício! sempre os mesmos instrumentos de tortura!

Mesquinha revolução, que tão pouco alcança!

Povo infeliz! quanto mais rega com lágrimas e sangue o solo da pátria, tanto mais ele se lhe desentranha em ferro para forjar grilhões; e só produz espinhos para tecer a coroa do seu prolongado martírio!...

Povo infeliz! mal principiava a despontar a aurora da tua *redenção* pela liberdade, e erguem-se tenebrosas as nuvens do passado, para toldar a face ao grande astro do teu dia de glória, projetando sombras em vez de irradiar luz!

Quando, apostolo da grande ideia, te purificavas para tomar sobre os ombros a túnica alvíssima do augusto sacerdócio, prestar culto à liberdade, e entoar o hino do progresso, que em breve deveria talvez repercutir-se em todos os ângulos da Europa,— arremessam-te a mortalha destinada ao *moribundo*, ainda tinta no sangue das hetombes, com que a tirania opressora celebrava as suas criminosas e lúgubres vitórias, e condenam-te a mais alguns anos, e quem sabe se a mais alguns séculos de tormentoso martírio!

Revolução de 1848 em França, de 1868 na Espanha: datas gloriosas, e que apenas separam vinte anos de lutas não interrompidas; sonhadas aspirações, gratas lembranças desse sonho de liberdade, que valor, que importância será a vossa na história das nações?!

A França acordando encontra — o *império*, e a liberdade mutilada.

A Espanha — A *realeza*, e a liberdade... talvez perdida.

\*\*\*

Tremenda é a responsabilidade daqueles que preferem à liberdade de todos as pompas deslumbrantes, mas vãs, de uma *corte* aparatosa!...